

# ACRÓNIOS

P O E M A S D E  
L U Í S P E D R O

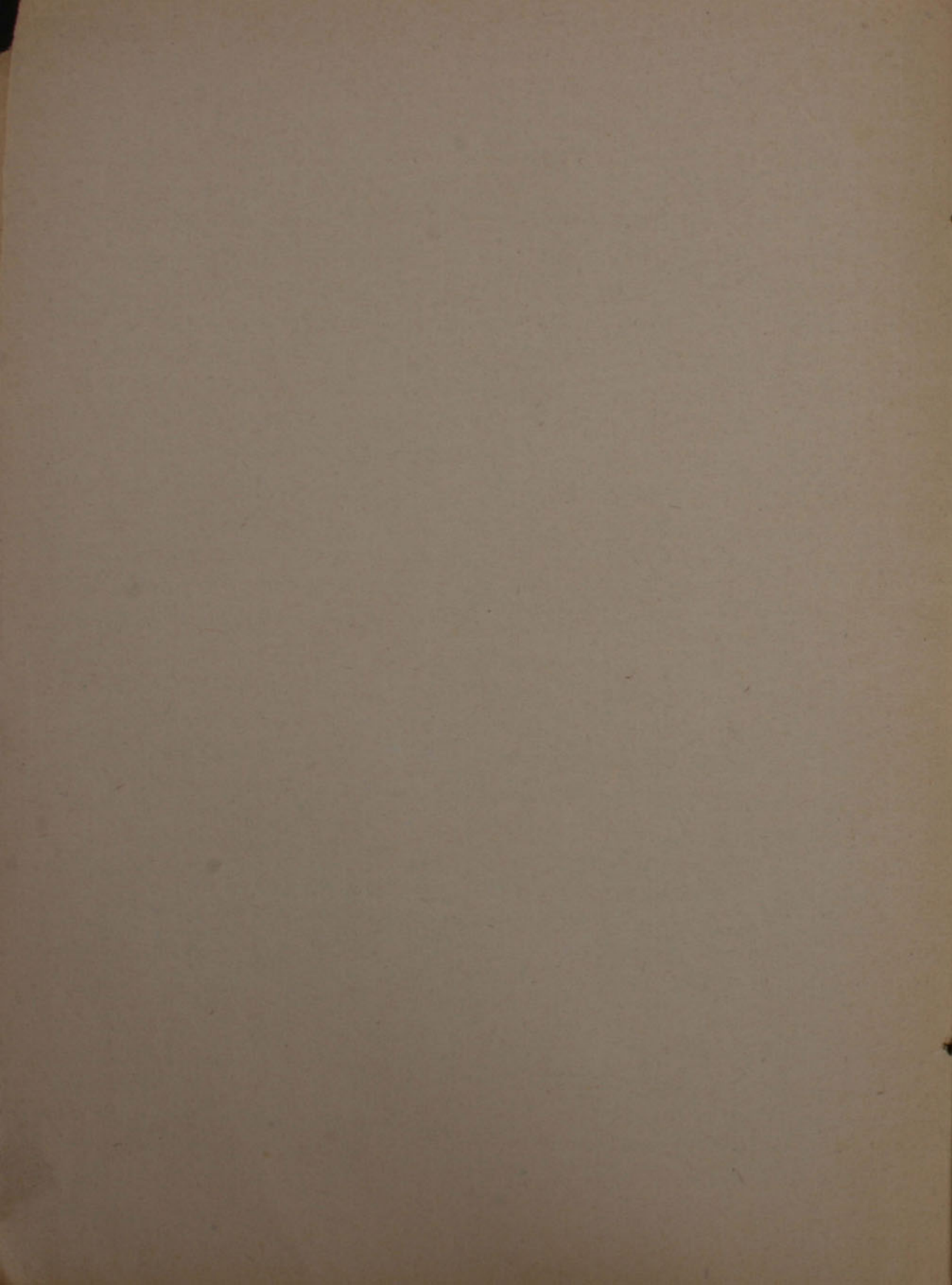
C O M P R E F A C I O D E  
F E R N A N D O P E S S O A

1 9 3 2





ACRÓNIOS

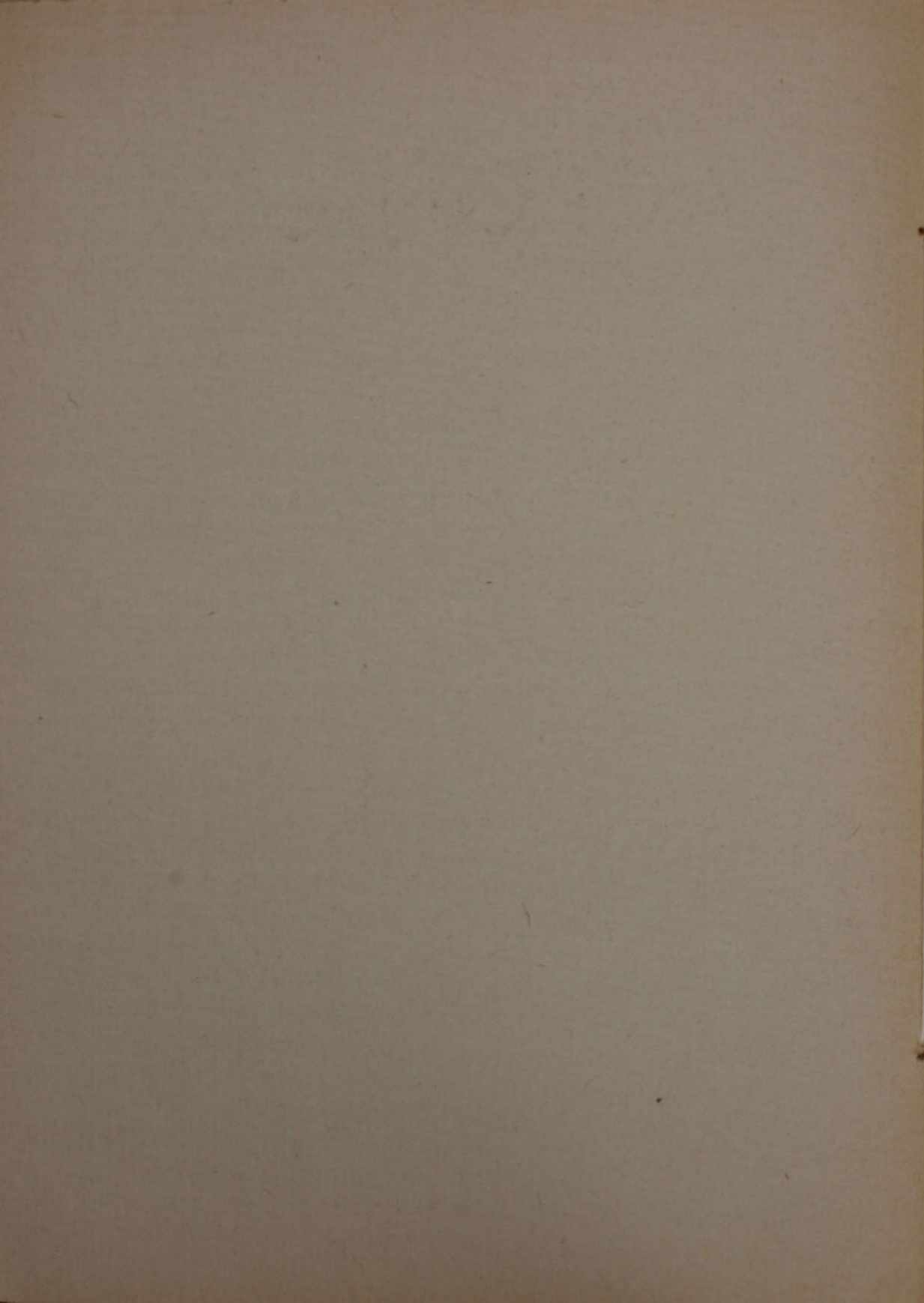


# ACRÓNIOS

P O E M A S D E  
L U Í S P E D R O

C O M P R E F Á C I O D E  
F E R N A N D O P E S S O A

1 9 3 2



# PREFACIO

O progresso da poesia, isto é, o das fórmulas poeticas — pois da mesma poesia, que é a verdade viva, não pôde haver progresso, nem Homero foi ainda superado —, obedece àquella dura lei a que todo progresso obedece; em outras palavras, é um caso particular de um phenomeno geral. Designa-se por progresso a aquisição de uma coisa que é uma vantagem social por meio da perda de outra coisa, que era uma vantagem social tambem. É caso typico o da formação da Europa moderna: surgiu atravez da criação, diversa e colorida, das nacionalidades distinctas; resultou na perda do influxo romano e do uso universal da lingua latina, pelos quaes as nações de Europa tinham naturalmente a fraternidade que hoje se busca em vão, porque artificialmente.

As fórmulas poeticas, a dentro da nossa civilização—isto é, da Grecia até nós—, atravessaram trez estadios distinctos: o estadio quantitativo, da poesia grega e latina, em que o rhythm se fundava na quantidade das syllabas, presuppõdo e exigindo uma exactidão e musicalidade de dicção e pronuncia que hoje nem sequer concebemos; o estadio syllabico, em que o numero das syllabas no verso, a accentuação, e artificios como a rima e a strophe rimada faziam por compensar a perda da antiga precisão quantitativa; o estadio rhythmico, em que se não cura de quanto seja regra, ou o pareça, mas se reduz a poesia, tamsõmente, a uma prosa com pausas artificiaes, isto é, independentes das que são naturaes em todo discurso e nelle se indicam pela pontuação.

Cada estadio, ou, antes, cada fôrma pela qual cada estadio se distingue, tem, como tudo, vantagens e desvantagens. A poesia quantitativa, apertadíssima, obrigava todavia a uma disciplina verbal de tal ordem que se reflectia no mesmo pensamento; porisso a poesia grega e latina é de uma notavel clareza e limpidez. A poesia syllabica, menos apertada, se dissolve a disciplina do pensamento, mantém comtudo a da emoção; é preciso sentir claro, por obscuro que se pense, para lançar equilibradamente o movimento strophico, alinhando e rimando. A poesia *rhythmica* nem disciplina a intelligencia nem a emoção, a não ser que estas estejam disciplinadas em, e por, si mesmas; segue, porém, todos os movimentos do espirito, como a sombra os do corpo; mas, como esta, se nos não precavermos no onde estamos, com grandes e desmedidas distorsões. A primeira estorva a emoção em proveito do pensamento; a segunda estorva o pensamento em proveito da emoção; a terceira a ambos estorva, ou tende a estorvar, em proveito do que, transcendendo pensamento e emoção, é a mesma individualidade.

É regra de toda a vida social que, quanto mais liberdade nos é dada, menos podemos dar a nós mesmos. Se me fecharem num subterraneo, tenho liberdade de fazer muita coisa sem risco de cair do telhado abaixo. No telhado, em pleno ar livre, tenho que ver melhor onde ponho os pés. A vantagem e desvantagem da poesia *rhythmica*, ou livre, é que ella exige de nós que nos disci-

plinemos com uma força e uma segurança que as poesias menos livres nos não exigiam, pois ellas mesmas tinham em si com que disciplinar-nos. Isto é vantagem porque a disciplina assim adquirida é mais intima e profunda; é desvantagem porque é muito mais difficil de adquirir.

O livro de Luiz Pedro, a que estas considerações abstractas servem de breve prefacio, é escripto quasi todo em verso puramente rhythmico; e a tal ponto isso é natural em seu auctor que aquelles mesmos poemas, que são compostos em verso que elle quere que seja regular, abundam em fugas e dissonancias, o que aliás já succedera ao meu velho amigo Alvaro de Campos, no «Opiario» que precedeu a emergencia rhythmica da «Ode Triumphal».

Para livro de quem principia, o de Luiz Pedro é bom principio. Depois de o escrever, o que lhe compete é investigar o seguinte: se a poesia livre, em que o livro é composto, representa uma incoordenação a que ha que dar, mais tarde, uma disciplina externa; se uma coordenação imperfeita, em que ha que formar, mais tarde, uma disciplina interna.

Diz-se que todos os caminhos vão dar a Roma; mas, se assim é, alguns hão de ir para lá muito tortos. Ha dois caminhos direitos entre dois pontos: o que vae de um ponto ao outro em linha recta; e o que dá a volta ao mundo até chegar lá, em complemento da mesma linha. Figura o primeiro, no caso presente, a poesia livre;

figura o segundo a poesia presa. O segundo é mais facil, porque dá mais espaço para se dar por elle; o primeiro é mais difficil, porque temos que estar certos desde o principio.

São estas as considerações que submetto a Luiz Pedro, que m'as pediu. Submetto-as tambem a varias outras pessoas, que se esqueceram de m'as pedir.

F E R N A N D O P E S S O A

ACRÓNIOS

Duvido. E sempre duvidarei  
que alguém chegue ao Ali  
dum espaço que não sei.

E daí

talvez não seja espaço  
o que leva ao pé de ti..

(Ninguém sabe o que é)

Não me embaraço  
quando quero atingir-te,  
e tudo para quê?

Para poder chegar  
a um lugar  
que ninguém sente  
e que a gente  
não vê.

M U S I C A

**N**UMA sonolencia vaga  
que apaga  
os meus velhos sentimentos,  
sinto-me imaterialisar  
ao escutar  
fragmentos musicais,  
orientais,  
que me enchem a alma  
que assim cheia  
ondeia  
ao som das notas vibrantes  
penetrantes

Mas ao alcançar o oasis previsto  
já novos horizontes eu avisto  
e a caravana fica irrequieta.

Já ninguém reconhece as vozes de comando.  
Deixou de haver a Ordem, e o bando,  
dispersado em mim, fez-me poeta.

S É C U L O 2 0

Mas para que ninguém saiba o que eu sei,  
mentirei!, mentirei!, renunciarei!

josé régio

**T**UDO me envilece. E o cinismo avança  
a mascarar meu rosto de adolescente.

Minh'alma descalabros só presente,  
toco música por dentro e o meu cérebro dança.

Essa dança atinge o holocausto  
e, rindo sempre, nunca sou sincero.  
Tenho mil caprichos, não sei o que quero,  
o cérebro está cansado e eu exausto.

nem entende  
a vida como eu queria,  
dentro de mim...  
Por que via  
eu vim  
dar ao mundo provas de que não penso?  
Não devia ter nascido  
onde tudo é descabido,  
mediocre, burguez.  
Se em vez  
de homem  
eu fôsse qualquer coisa irreal  
as mágoas que me cosoem,  
mortal,  
talvez existissem,  
mas numa esfera completamente  
diferente,  
onde me vissem  
tal qual sou,  
20 em toda a minha amplitude...

É que lá  
não há  
nem vício nem virtude  
e, sem haver sol,  
há luz.

Eu sou um girasol  
de estufa  
que nasceu numa seara:  
quando alguém  
passa por mim,  
ninguém  
me verá, assim,  
uma flor bem rara.

Para lá dêstes logares banais que conhecemos,  
sem as imperfeições que todos temos,  
serei o Rei do meu país ideal.

Entre incensos, amor e melodias,  
hei de perder o sentido dos dias  
vivendo o meu eterno Carnaval.

# CONCEPÇÃO ESPIRITUAL DA SENSUALIDADE

*teoria em sonho*

**E** U vou acompanhando o ritmo macabro  
da dança de S. Vito e adormeço.

Tudo foge de mim e assim esqueço  
a turba que me invade em descalabro.

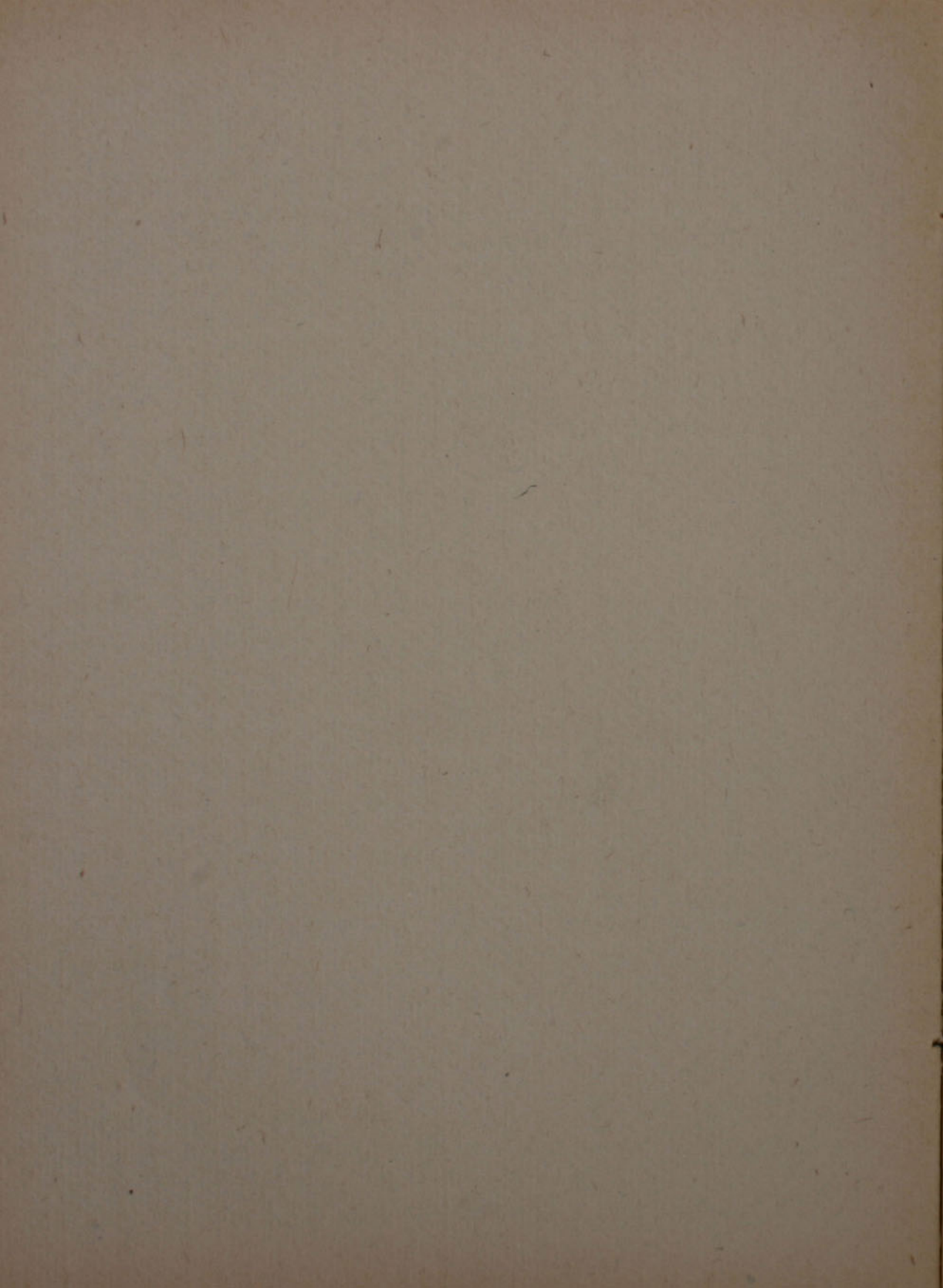
Já deixei de pensar e nesta inconsciência  
eu balbucio frases sem sentido  
e começo a saltar, de todo adormecido,  
por sobre os marcos da minha existência.

e quando me deu o seu primeiro beijo  
mandei-lhe preparar os vinhos que aprecias.  
Mas não me chames adúltera, ouviste, amor?  
Foi um capricho apenas. Quando aquele  
que me estreitava a si me chamava só sua,  
eu não era dele,  
era tua.

# POEMA DO PÔR DO SOL

ao eugénio de freitas

CANTA um poeta decadente  
ao pé dum lago,  
vago,  
de águas de cristal,  
uma canção plangente,  
dissolvente,  
murmurada lá dentro.  
Ao pé do lago de cristal  
só estava o poeta decadente  
que entoava melodias  
todos os dias  
à hora do poente



## POEMA DO MAR-EM-MIM

| A sulcando o mar  
| a navegar,  
sem rumo,  
um barco a vapôr.  
O fumo  
que saía das chaminés  
diluía-se no horizonte  
e as nuvens que saíam  
pareciam  
Moisés  
a receber as táboas da lei.  
Não sei



«A TRISTEZA DE NUNCA  
SERMOS DOIS»

mário de sá-carneiro

*A fernando pessoa*

**E** U sou o reflexo do alem  
sôbre mim.

Distante e perto de ninguém,  
assim,  
eu sou sombra e realidade,  
penumbra e espectro. Sou tudo  
fóra da homogenidade.  
Porque canto, mudo,  
o que há-de  
mostrar  
àquilo que só eu sou,  
sinto-me afastar

— Dir-te-hei adeus com as minhas asas  
e tu, ardendo em tuas próprias brazas,  
bramirás de ódio ao ver-me Lá.

E o espírito quiz seguir sósinho.  
Como ia só, perdeu-se no caminho  
e ficará eternamente cá.

# U N I V E R S O

*ao francisco bugalho*

**M**ÚSICA russa e almofadas no chão  
e eu, trazendo-me na mão,  
recito no quarto os versos que me fiz.  
As janelas estão fechadas  
que eu não quiz  
que a tempestade de fóra  
me viesse perturbar.  
Um relógio irreal soa, hora  
após hora  
e, sem me cansar  
continuo a recitar  
a mim

num jardim  
de setim  
na região do sonho  
Numa janela  
uma donzela  
vê-me, imaterial.  
Quem é ela?  
Muito natural,  
ri,  
perfeitamente calma.  
Não te conheço a ti  
gritei.  
—Eu sou a tua alma!  
E eu fiquei  
com um parecer medonho  
e o jardim  
que era de setim,  
foi o fim  
do meu sonho.

# POEMA DO SUDOESTE

*ao antonio pedro*

**E** RAS tu? Não sei...  
Teu olhar era triste e tão diferente  
que dir-te-hia ausente...  
Serias tu? Não sei...

Estavas tão erma e triste a soluçar,  
sentada no mirante a ver no mar  
as corvetas e galeras de El-Rei...  
Parecias mesmo tu? Eras?

Não sei!

com a história que me estou contando.

E vendo a luta,

bruta,

que se está travando

entre o nédio

tédio

e o sono, que vem libertar-me,

a tatear

vou procurar

a campainha de alarme,

para levantar

do letargo a que estão

em vão

meus sentimentos votados

pelo ópio dos meus pecados.

E nesta indecisão

prolixa

que me leva a nada ver,

calculo a hora prefixa

48 em que o tédio há-de vencer.

## SONETO DO DESALENTO

**À** porta do Tédio a minha mão bateu  
um dia e fui recebido como um rei.  
Aferrolharam-se portas e fiquei  
prisioneiro do Tédio, que me recebeu.

Todas as tardes eu desfolho a Lei  
à sombra da qual o Tédio me prendeu:  
— És o prisioneiro de quem te recebeu,  
eternamente te capturei. —

A minha voz, que canta só para mim  
e que há de ser só minha até ao fim,  
é a única amante que me interessa.

Alheio a tudo, quando estou sósinho  
sinto a voz cantar, devagarinho,  
e espero que meigamente me adormeça

# A N C I E D A D E

a tristeza duma ancia impotente de infinito  
antero do quental

**A**l, quem me dera subir  
até mais alto do que tu,  
mais alto do que o sol.  
Já me sinto torpe, mol,  
e não te pude alcançar . . .  
Eu quizera chegar  
ao pé de ti  
e depois descer  
num para-quedas seguro.  
Mas eu não posso voar! . . .

Vagueio no escuro  
dentro de mim,

Mas porque somos só Um, procuramos  
um terceiro que também alcançamos  
e caímos os três nesta desdita

de que alcançamos tudo quanto queremos  
e queremos alcançar tudo o que vemos  
porque a minha ambição é infinita.

# I N S O N I A

*ao theotónio pargana*

**A**NTES que amanheça  
e que eu esqueça  
velhas histórias de fadas  
e princesas encantadas  
quero começar  
a dormir  
para sonhar  
com o que está para vir,  
com o que há-de voltar.  
Tenho a cabeça pesada  
e a inteligência  
falsificada

embora apure os ouvidos;  
Tenho os neurones partidos  
e os acrobatas  
já andam de gatas  
porque os trapésios estalaram  
sem eu dar por isso.  
Como num feitiço  
as cabriolas cessaram,  
os ginastas abalaram  
e os gritos acabaram.  
Num acaso do destino  
dentro de mim só ficaram  
saüdades de ser menino.

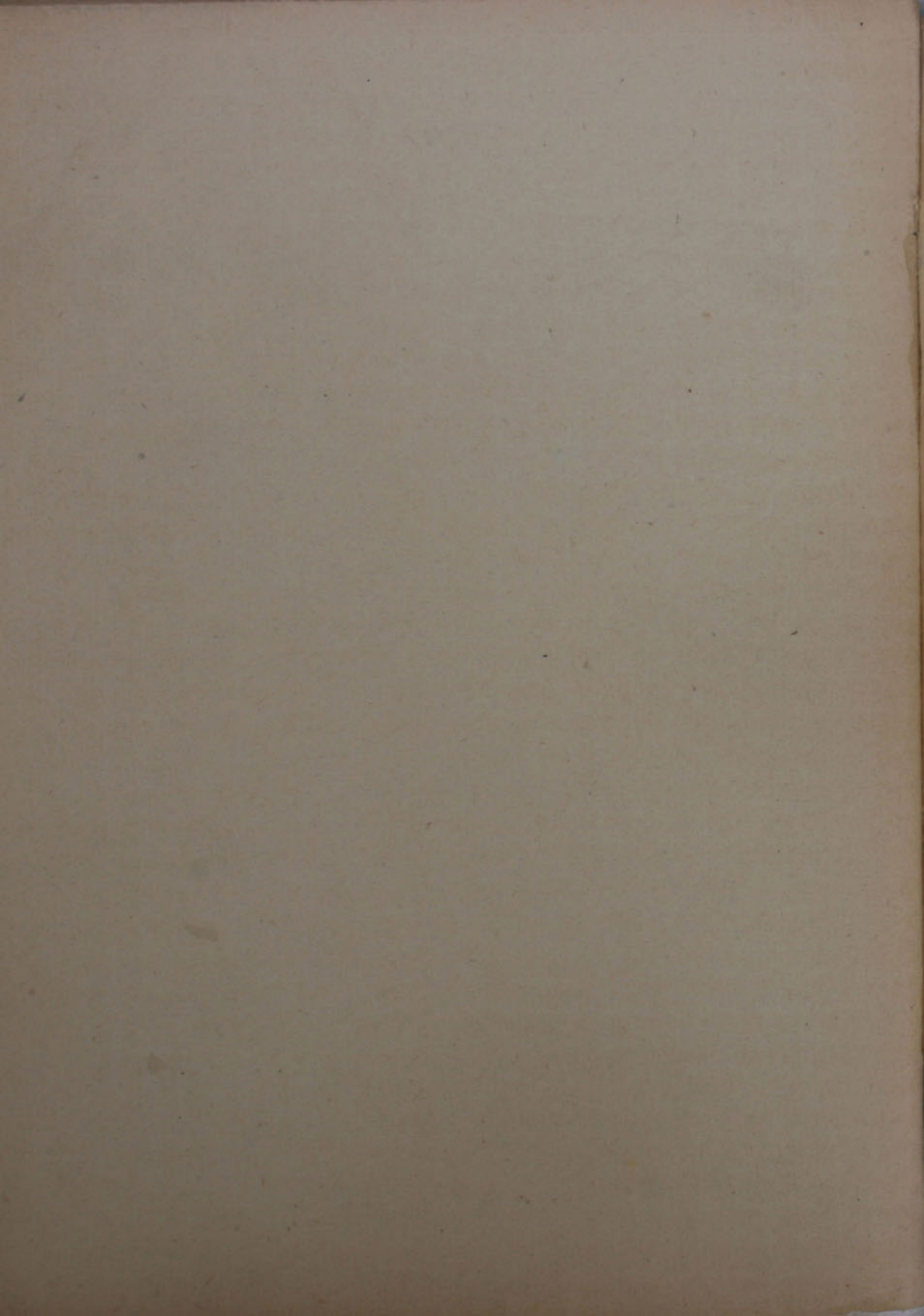
## BALADA DA CELEBRIDADE PÓSTUMA

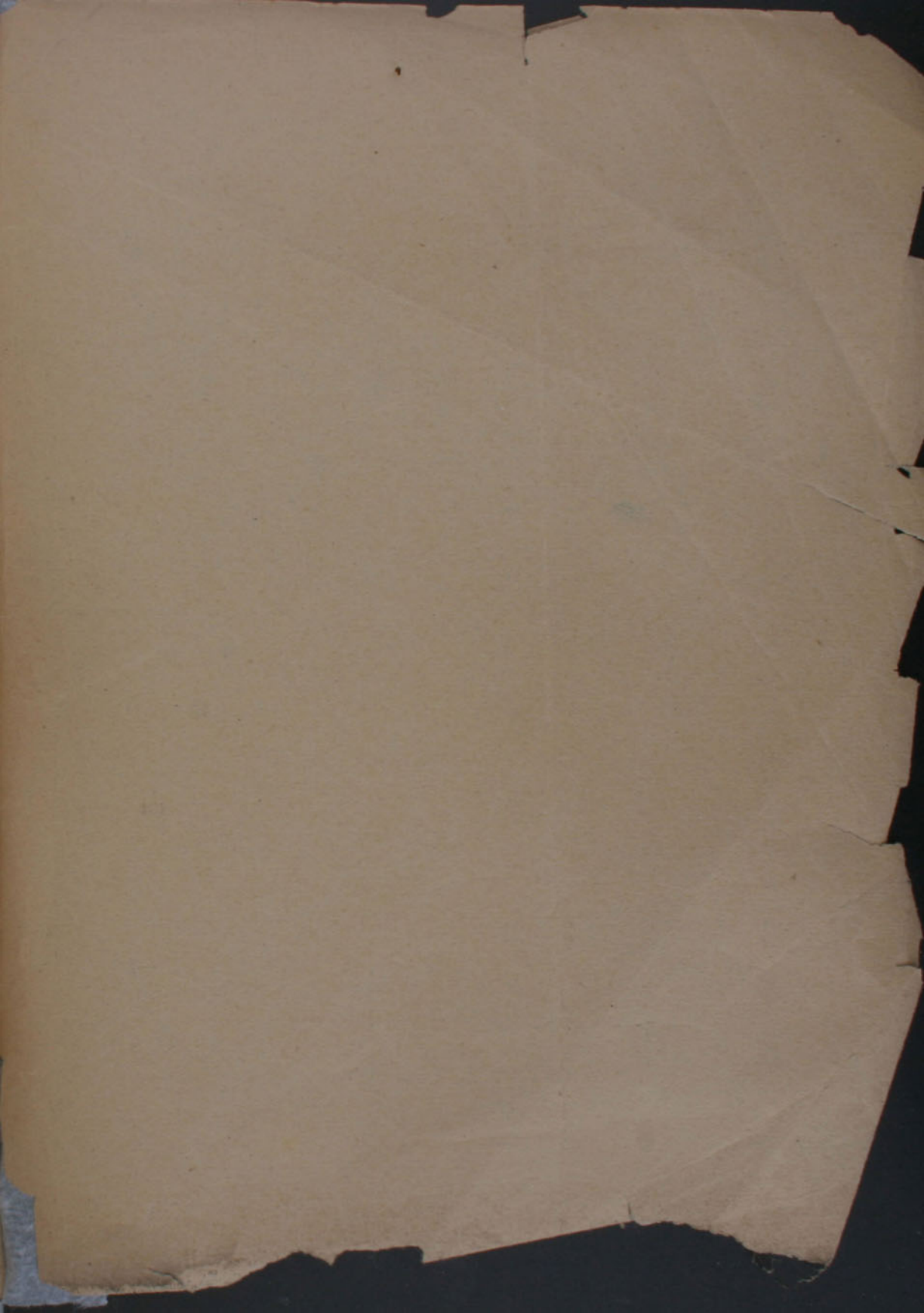
**N**o tempo em que vivi  
eu vi

que era indiferente  
àquele mundo que jamais entendi:  
a toda a gente.

Permaneci  
sempre diferente  
de tudo o que é fácil  
e acessível.

Vivia  
num outro nível  
onde via





OFICINAS  
D  
GRAFICAS

TR. ANDRÉ VALENTE, 9  
LISBOA